

VINTE ANOS DE FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL

Mikko Juva

Professor de História Eclesiástica e vice-reitor da Universidade de Helsinki, Finlândia. Ele é presidente da Comissão Teológica da Federação Luterana Mundial e do curatório da sociedade de missão finlandesa. Dr. Juva foi diretor da Quarta Assembléia Geral da FLM no ano de 1963 em Helsinki. Foi representante no Parlamento finlandês e era um dos colaboradores do movimento estudantil cristão.

Tal como muitos empreendimentos importantes e significativos, assim também a Federação Luterana Mundial surgiu numa época de privações, de opressão e de catástrofes. A idéia da unidade naturalmente não era nova entre as igrejas luteranas. Era antes uma idéia tão óbvia que não foi necessário tomar quaisquer medidas para expressá-la. Onde houver a convicção de que é "suficiente para a verdadeira unidade da igreja cristã que em seu meio se pregue o evangelho com unanimidade, em seu sentido verdadeiro, e que os sacramentos sejam ministrados de acôrdo com a palavra divina" (Augustana VII), ali a unidade entre igrejas irmãs de confissão igual não deveria ser problema. Na Europa nacionalista, porém, os limites estatais freqüentemente representam mais que os eclesásticos; e assim ainda era na época após a Primeira Guerra Mundial, até que os dirigentes eclesásticos da Alemanha, Escandinávia, América do Norte e das igrejas minoritárias

européias fundaram a Convenção Luterana Mundial, em 1923, em Eisenach.

Duas vezes pôde reunir-se a Convenção, quando o seu trabalho foi interrompido ao irromper a Segunda Guerra Mundial. Nas igrejas luteranas não se tornou muito conhecida esta comunhão, e ao irromper a guerra, parecia que uma colaboração especificamente luterana tivesse se tornado supérflua com a crescente consciência ecumênica.

Nesta situação coube às igrejas luteranas da América a tarefa de demonstrar a realidade e força da solidariedade luterana. A guerra trouxera destruição e desgraça, desfizera ligações e havia posto em perigo a capacidade de ação das igrejas luteranas. Nos Estados Unidos, já nos primeiros anos de guerra, se começara com auxílios, que se estenderam especialmente a três áreas: em primeiro lugar a curta guerra de inverno entre a Finlândia e a União Soviética dera

origem a uma firme determinação de socorrer a esse povo quase exclusivamente luterano. Em segundo lugar, os refugiados de áreas sob ocupação alemã e soviética não precisavam apenas de ajuda material, mas também de um local para se estabelecerem. E terceiro, muitos campos de missão luteranos estavam inteiramente isolados dos países de origem, e muitos missionários internados. O abastecimento das missões orfanadas exigia auxílio tanto pessoal como financeiro.

Nos EEUU a Ação Mundial Luterana (Lutheran World Action) encarregou-se desta tarefa, na qual muito cedo recebeu o auxílio das igrejas luteranas da Suécia, Canadá e Austrália, pois "se um membro sofre, todos sofrem com ele" (I Cor. 12, 26). Para os luteranos que sofriam fome e privações na Europa vieram pacotes doados do além-mar, que deram o exemplo que também em meio à guerra os que viviam longe foram levados pelo seu amor a Cristo a lembrar-se dos que sofriam miséria. É verdade que os que receberam esta ajuda não foram perguntados pela sua fé, mas precisamente nas áreas flageladas viviam milhões de luteranos. A disposição voluntária de ajuda e de sacrifício dos que haviam sido poupados pela destruição da guerra tornou-se o fundamento sobre o qual o trabalho conjunto dos luteranos pôde ser erigido após a guerra.

Após os anos de guerra não era de modo algum evidente que as igrejas luteranas se uniriam em uma federação. Porque se havia lutado em comum por humanidade e liberdade e sofrido em comum com as mais diferentes pessoas, crentes e descrentes, católicos, judeus e comunistas, os corações estavam possuídos do forte desejo de cooperar com todos os homens de boa vontade para criar um novo mundo. Mas especialmente os cristãos das diversas denominações se tinham sentido unidos sob a pressão que pesava sobre todos. O movimento ecumênico pudera durante a guerra sustentar através das fronteiras os vínculos com as igrejas e preparava agora a fundação oficial do Conselho Ecumênico de Igrejas. A este movimento pertenciam também muitos luteranos. A unidade luterana era inconcebível sem a participação central das igrejas alemãs. Afinal, quase metade de todos os luteranos do mundo

vivia neste país, cujo prestígio internacional havia atingido seu ponto mais baixo com a queda de Hitler. Mesmo Karl Barth acusou o luteranismo de, com a sua doutrina dos dois reinos e da independência da vida política, ter preparado o caminho para a ideologia nazista. Assim não era de admirar que muitos luteranos eminentes duvidassem da necessidade de se formar, além da organização ecumênica, ainda uma união luterana especial.

Mas os cétricos foram vencidos. Em tôdas as partes do mundo havia igrejas luteranas que consideravam a união com os irmãos de fé não só desejável, mas também absolutamente necessária. Numerosas missões ainda estavam desamparadas e tinham que ser providas por luteranos, se se quisesse manter as igrejas novas na fé luterana. Na Europa, milhares de comunidades não tinham mais igrejas e casas paroquiais, milhões de luteranos haviam perdido o lar e a pátria. Essa era a situação em que países anteriormente inimigos abriam agora caminhos para o socorro. Quem mais haveria de ajudar a essas pessoas e comunidades predominantemente luteranas senão as igrejas luteranas? Ao mesmo tempo o movimento ecumênico preparava-se para sua reunião de fundação. A direção tomada por este importante movimento de renovação haveria de se tornar decisiva para toda a cristandade. Alguns de seus adeptos se esforçavam para fazer do Conselho Ecumênico um organismo supradenominacional que eventualmente ignoraria as confissões históricas da igreja, uma organização, dentro da qual as igrejas procederiam à sua fusão formal a partir do menor denominador comum, em que, portanto, elas deveriam sacrificar uma parte de sua confissão. Os luteranos de atitude ecumênica, por seu lado, queriam um concílio ecumênico sob forma de uma aliança que uniria igrejas apegadas a suas próprias tradições. Seu alvo era a coordenação, não a eliminação das diferenças. Mas a realização desses esforços pressupunha uma cooperação entre luteranos.

Esse esforço por uma unidade luterana de qualquer tipo superou tôdas as dificuldades. Já em 1945, o ano em que findara a guerra, vieram os primeiros diri-

gentes eclesiásticos americanos à Europa para participar das conversações que se iniciavam entre as igrejas. Antes ainda de outras comunhões eclesiásticas e do Conselho Ecumênico de Igrejas, os luteranos se reuniram para a assembléia de fundação da Federação Luterana Mundial em 1947 em Lund (Suécia). Lá foi criada oficialmente a Federação Luterana Mundial como associação livre de igrejas luteranas. Estavam presentes representantes de igrejas de seis continentes e de vinte e três países. Nos estatutos unânimemente aceitos estão descritos os objetivos da Federação, como segue:

- a) Testemunhar unanimemente perante o mundo o evangelho de Jesus Cristo como a força de bem-aventurança de Deus;
- b) Cultivar unidade de fé e confissão entre as igrejas luteranas do mundo;
- c) Promover a comunhão fraternal e os trabalhos de estudos em comum entre luteranos;
- d) Fomentar a participação luterana em movimentos ecumênicos;
- e) Desenvolver uma iniciativa luterana coesa na realização de tarefas missionárias e catequéticas;
- f) Apoiar grupos luteranos que carecem de auxílio espiritual e material.

Em mais de vinte anos decorridos desde então a Federação Luterana Mundial se manteve fiel aos objetivos propostos naquela ocasião. Ela nunca se deu por satisfeita em limitar seus esforços a seu próprio círculo, como se fôsse uma coalizão luterana internacional, mas considerou como sua tarefa atuar para fora como uma comunhão ecumênica e a serviço do mundo. Em todos os seus empreendimentos ela é o órgão, com cujo auxílio agem as suas igrejas-membros. Como o mundo se tornasse sempre menor, as igrejas como grupos isolados e limitados a suas respectivas áreas, não estavam mais em condições de corresponder às suas responsabilidades mais amplas. Em um mundo sempre mais entrelaçado em um todo, não bastava mais que as igrejas isoladamente e independentemente uma da outra escolhessem para si, respectivamente, um campo de missão ou uma meta para seus auxílios, e mandassem seus representantes para o serviço. Um serviço efetivo pressupõe entendimentos e colaboração. A Fed-

eração Luterana Mundial está a disposição de suas igrejas-membro para desempenhar tôdas as funções que podem ser melhor exercidas em comum ou são irrealizáveis isoladamente. Tais tarefas eram e são muito numerosas.

A cooperação luterana começou com a obtenção de ajuda material para os irmãos em privação. Esta tarefa subsiste ainda hoje e subsistirá também no futuro. Em conformidade com a palavra do apóstolo: "Façamos o bem a todos, mas principalmente aos irmãos na fé" (Gal. 6, 10), desde o começo auxílios deste tipo nunca se limitaram só a cristãos luteranos. Em sua assembléia de fundação em Lund a nova Federação Luterana Mundial se viu lançada diante da tarefa desafiadora de ajudar a milhões de refugiados. O relatório da Assembléia Geral de Hannover em 1952 reflete esta situação: "Ainda é impossível estimar-se o número global dos sem pátria, desterrados e privados de seus direitos. Apenas na Europa há dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças de cada país ao leste da Cortina de Ferro, não só os DP's, pessoas desterradas não-alemãs, que se tornaram vítimas da máquina de guerra nazista, mas também os desterrados alemães, vítimas da Declaração de Potsdam dos aliados vitoriosos. O número global inclui os finlandeses luteranos que fugiram da Carélia, os turcos maometanos que foram expulsos da Bulgária, os cristãos europeus banidos da China, os hindus que fugiram do Paquistão e os paquistaneses que tiveram que deixar a Índia. Também inclui os judeus amalgamados de muitas nações que procuraram refúgio em Israel, e — como a roda da injustiça girasse continuamente, — os 800.000 árabes que foram espoliados de seus legítimos lares na Palestina."

A Assembléia Geral de Lund tentou enfrentar este desafio com a criação de um serviço de refugiados. Entre as tarefas deste departamento estava a prestação de ajuda material imediata nos campos de refugiados e a assistência espiritual aos refugiados luteranos que lá viviam. No centro de sua responsabilidade esteve muito cedo o esforço de incluir os próprios refugiados neste trabalho e de ajudá-los a emigrar para países que estivessem prontos a recebê-los

e a auxiliá-los na construção de uma nova existência. O serviço de refugiados trabalha desde o início junto com outras instituições religiosas e humanitárias. Dessa maneira, que possibilitava uma divisão de trabalho efetiva, a Federação Luterana Mundial pôde ajudar a encontrar uma nova pátria para mais de cem mil refugiados. Além disso ela prestou ajuda a centenas de milhares de pessoas na construção de sua existência nos países para onde a torrente de refugiados os havia levado.

Nos sete anos desde o fim da guerra até a Assembléia Geral em Hannover a maioria dos refugiados europeus havia achado um novo lar, mas no mundo como um todo não havia melhorado muito. Os refugiados árabes ainda viviam em seus campos provisórios, nenhum país queria aceitá-los como membros de sua comunidade. A revolução na China levou uma corrente de refugiados para a pequena Hongkong, já superlotada. A guerra da Coreia deixou várias centenas de milhares sem pátria por tempo indeterminado. Logo em seguida o levante revolucionário na Hungria obrigou duzentas mil pessoas a abandonar o país; a África estava sendo crescentemente tomada de agitação. O continuado conflito da Argélia trouxe a muitas pessoas a perda de seus lares e parentes. Também nos tempos mais recentes pessoas fugiram da África do Sul, Angola, Moçambique, Sudão e Ruanda para escapar à opressão.

Ainda há muitas pessoas carentes de auxílio, e nada nos deixa concluir que a necessidade de se prestar ajuda diminuirá no futuro. O Departamento de Serviço ao Mundo da Federação Luterana Mundial continua a admoestar as igrejas-membro a não esquecer sua responsabilidade pelos que passam necessidade neste mundo. Os esforços não são inúteis, mas mesmo assim o auxílio sempre está aquém do que a miséria reclama. Muito zelo deve por isso ser usado, para ajudar o mais racionalmente possível e para realmente alcançar os melhores resultados possíveis. Fomes, terremotos e guerras causaram catástrofes em que vidas humanas só puderam ser salvas através de intervenção imediata. Em tais situações a Federação Luterana Mundial trabalha em conjunto com ou-

tras organizações de auxílio. Aos poucos se desenvolveu uma certa distribuição de trabalho, de acordo com a qual a Federação Luterana Mundial se concentra mais fortemente em projetos de longo prazo de reabilitação e redomiciliamento de refugiados. Entre estes se acham, para citar apenas alguns, organizações de formação e aperfeiçoamento profissional na Palestina, Jordânia e Hongkong, programas de colonização para refugiados africanos, especialmente na Tanzânia, instituições de saúde na Argélia, Hongkong e para muitos refugiados árabes.

O deslocamento do peso das atividades da ajuda material imediata para a eliminação das raízes de privações levou principalmente na década dos sessenta a uma coordenação de ajuda direta ao desenvolvimento prestado aos continentes da África, Ásia e América Latina. Através do "Serviço de Mediação e Avaliação para Projetos de Ajuda Econômica e Social em Países em Desenvolvimento" da Federação Luterana Mundial puderam ser subvencionados nos últimos tempos cerca de quinze milhões de dólares anualmente (coletados principalmente na Alemanha e Suécia) aos mais diversos projetos médicos, agrícolas, educacionais e sociais.

Não obstante tanto que se fez pelo mundo, não foram por isso esquecidas as igrejas. Graças à ajuda dos irmãos de fé que haviam sido poupados da guerra, igrejas destruídas na Europa Central e Escandinávia puderam ser reconstruídas relativamente depressa. Muitas igrejas que no início dependiam da ajuda de outras, logo estavam elas mesmas capacitadas de ajudar. Essa transição se deu primeiro nas igrejas da Dinamarca, Noruega e Holanda, pouco mais tarde também na Alemanha e Finlândia. A Europa Oriental continuou dependendo de ajuda, isso não só por causa dos danos de guerra sofridas e da mudança das estruturas sociais, mas também por causa da situação de qualquer modo difícil de igrejas de minoria. O auxílio entre as igrejas efetuado na década dos sessenta veio beneficiar predominantemente igrejas em situação de minoria, que existem em países tanto socialistas como não-socialistas, mas o mais fre-

qüentemente em países em desenvolvimento.

O fato de que surgiram novos países independentes na África e na Ásia naturalmente influenciou também o trabalho da Federação Luterana Mundial nestes continentes. A partir da concentração inicial na ajuda das missões orfanadas, desenvolveu-se muito cedo o esforço pela criação de uma colaboração mais íntima entre os diversos postos de missão e sociedades missionárias, e o encorajamento das novas igrejas nativas independentes para a colaboração plena com a Federação Luterana Mundial.

A responsabilidade missionária, que em seu sentido próprio consiste em levar o evangelho àqueles que ainda não o ouviram, foi agora assumida pelas igrejas locais. Os antigos missionários tornaram-se agora ajudantes e colaboradores. A tomada da direção e responsabilidade pelas igrejas nativas, entretanto, não significou simultaneamente que as "igrejas mais velhas" tentassem desvincular-se agora de todo esforço. É certo que, por motivos políticos, certas regiões estão vedadas ao trabalho missionário, mas em outros lugares a mobilização de pessoal e de recursos financeiros não só não decresceu, mas aumentou. Mudados foram apenas os modos de pensar e de agir. A questão hoje não é mais querer agir num campo missionário, pois nos países industrializados o campo de missão começa logo na porta da igreja, às vezes até já dentro da igreja. Trata-se antes do fato que a igreja é um todo transcendendo as divisas nacionais, não preso a limites políticos em sua responsabilidade, e ao qual cumpre lembrar os homens de que os fortes devem ajudar os fracos.

Na América Latina a ajuda entre as igrejas aumentou mais visivelmente. De início, a Federação Luterana Mundial ajudara aqui primordialmente a refugiados a começarem uma vida nova e apoiara as numerosas comunidades da diáspora. Hoje existem aqui muitas provas de um vigoroso desenvolvimento e de um saudável entrosamento com o luteranismo mundial, isto não só porque os luteranos do continente se sentem

em maior contato recíproco, mas também porque reconheceram os pontos comuns de seus problemas e empreenderam a sua superação com a intensidade característica de igrejas de minoria. A Federação Luterana Mundial cooperou e ainda coopera, ajudando a criar os fatores necessários para tal colaboração pelo fomento de planos de construção e instituições das igrejas.

Mas o sentido próprio da ajuda entre as igrejas consiste em fortalecer as igrejas receptoras para o serviço no evangelho. Este dever é cumprido primariamente pelas diversas igrejas por si. A colaboração da Federação Luterana Mundial só pode consistir em ajudar materialmente e abrir novas possibilidades. Na década dos cinquenta, ficou claro que, ao menos num setor, a saber no dos meios de comunicação de massa, nenhuma igreja pode isoladamente satisfazer as exigências. Em 1957, o diretor do Departamento de Missão ao Mundo da Federação Luterana Mundial pôs em discussão a questão relativa a uma possível participação da Federação no serviço de radiodifusão eclesástica. A sugestão foi aceita pela comissão executiva e imediatamente foram iniciadas as preparações, de modo que já no ano de 1963 a emissora "Voz do Evangelho", em Addis Abeba, pôde ser entregue às suas funções.

Os anos que se passaram desde então demonstraram claramente a importância deste trabalho. Os programas são compilados em estúdios em diversas partes da África, no Oriente Próximo e na Ásia, transportados por via aérea a Addis Abeba e irradiados daí para as regiões onde se originaram. A emissora irradia hoje em catorze línguas para áreas receptoras que se estendem no leste até a China e no oeste até o oeste da África. O fato de que as igrejas luteranas começaram a pregação pelo rádio naquela época foi importante, porque então a posse de receptores transistorizados na África — como também nos outros países em desenvolvimento — cresceu quase que explosivamente, tendo-se por isso tornado a radiodifusão o mais eficaz de todos os meios de comunicação.

Além disso é importante o fato de que a emissora "Voz do Evangelho" desde o

início foi um empreendimento ecumênico. É certo que ela pertence à Federação Luterana Mundial e que é por ela administrada. No entanto outras igrejas tem direito igual de tempo de emissão, por exemplo as igrejas ortodoxas da Etiópia e a comissão de coordenação da radiodifusão cristã, na qual estão representados os grupos protestantes regionais da África, Ásia e Oriente Próximo. Esta comissão arca também com uma parte significativa dos custos da operação da emissora.

A Federação Luterana Mundial não trabalha, portanto, apenas no campo da ajuda de emergência, mas também em seus esforços pela evangelização, e aqui especialmente no campo das comunicações de massa, desde sua fundação, e em escala crescente com outros grupos denominacionais, destacadamente com o Conselho Ecumênico de Igrejas. **A Fidelidade ao ecumenismo sempre foi uma das aspirações centrais da Federação e encontra-se inserida em seus estatutos.** Durante o primeiro decênio de sua existência e ainda até os primórdios da década dos sessenta havia sérias críticas em certos círculos do movimento ecumênico em relação a associações eclesásticas-confessionais especiais. Foi expresso o receio de que tais organizações quisessem concorrer com o Conselho Ecumênico de Igrejas. Opinava-se que os problemas do mundo e da igreja não se deixariam distinguir pelas realidades denominacionais, mas no máximo pelas realidades sociais, políticas e ideológicas. Por isso existe para a Federação Luterana Mundial desde o início a necessidade de mostrar de modo precioso a sua razão de ser a partir do ponto de vista ecumênico. Qual o significado para o movimento ecumênico, especialmente para as igrejas luteranas dentro dele, e também para o mundo como um todo, o fato de que os luteranos continuem a ter a sua própria Federação Mundial?

Dois argumentos são apresentados sempre de novo. Por um lado as igrejas luteranas não participam do esforço ecumênico comum em escala totalmente ilimitada. Ao surgir o Conselho Ecumênico, muitos luteranos eram de opinião de que a nova comunidade ecumênica

deixaria passar para um segundo plano as doutrinas luteranas centrais, em especial a doutrina da justificação, e de que os luteranos participantes em todos os casos eram apenas uma minoria. Deveriam eles simplesmente ter-se associado à opinião da maioria em questões de fé? O fato de os luteranos terem se unido em uma organização mundial própria, e de que eles formavam uma comunidade unida, fortaleceu o movimento ecumênico e influenciou estrutura e estatutos do Conselho Ecumênico de Igrejas ao tornar-se ele realidade em 1948 em Amsterdã. As igrejas uniram-se a ele não como unidades geográficas mas confessionais. **A cooperação ecumênica não se fundou no menosprezo das diferenças doutrinárias, mas no reconhecimento irrestrito de cada confissão.**

Assim os luteranos foram convidados para a colaboração como luteranos, como representantes de sua tradição específica. Já por mais de dois decênios a Federação Luterana Mundial se esforça em exortar suas igrejas-membro a uma crescente abertura ecumênica. É certo que não todas as igrejas luteranas são membros do Conselho Ecumênico. Mas no decorrer destes vinte anos tornou-se claro que se pode muito bem ser bom luterano e manter-se ao mesmo tempo fiel ao movimento ecumênico, de modo que os preconceitos contra o movimento ecumênico diminuíram também ali, onde antigamente, por motivos de doutrina, eram muito fortes.

Um segundo ponto de vista que sublinha o significado da Federação Luterana Mundial consiste no fato de ela ter criado a possibilidade de fazer-se claramente ouvida a voz luterana na discussão ecumênica. Na questão da unidade cristã, a doutrina é para as igrejas luteranas um ponto de grande destaque. Por isso é muito natural que elas tenham um grande interesse no confronto teológico possibilitado pelo movimento ecumênico. Nos séculos de separação as diversas igrejas luteranas desenvolveram-se em direções diversas, de modo que, no início, apesar de sua herança comum da Reforma, elas não estavam capacitadas a representar uma opinião clara em diálogos interdenominacionais. Os primeiros anos da Federação foram por isso dedi-

cados em grande parte à discussão de problemas internos do luteranismo, por exemplo, de problemas da relação de igreja e estado, da unidade da igreja e da doutrina da justificação. Nesses diálogos ficou claro, de maneira significativa, que havia ampla concordância nos mais importantes pontos de vista luteranos. Que não se conseguiu formular uma interpretação atualizada da doutrina da justificação na Assembléia Geral em Helsinki, em 1963, foi um fato causado pela falta de tempo, e é além disso um sinal de que Assembléias Gerais de curta duração não são apropriadas para definir opiniões de doutrina, como acontece em um concílio.

Essas conversações interluteranas tomaram lugar com simultânea participação nas discussões ecumênicas. **O passo decisivo nesta direção foi dado em 1957**, quando a comissão executiva concordou com a sugestão do secretário geral, de preparar o início de um diálogo com a igreja católica-romana. Dois anos mais tarde formou-se uma comissão especial de pesquisa ecumênica, cujas recomendações à Assembléia Geral de Helsinki em 1963 levaram à formação da Fundação Luterana para Pesquisas Ecumênicas.

Imediatamente em seguida foi criado um Instituto de Pesquisas em Strassburg, na França. Pode-se, portanto, quase chamar de providência que a Federação Luterana Mundial estava assim preparada para a situação ecumênica criada pela decisão do Papa João XXIII de convocar um concílio vaticano. As igrejas luteranas possuíam um órgão apropriado para a coordenação de suas reações quanto aos esforços de renovação no catolicismo romano. Os observadores luteranos no concílio e os membros do instituto de Strassburg puderam representar conjuntamente, sob a direção da Federação Luterana Mundial, com peritos e teólogos das diversas igrejas luteranas, a posição luterana em relação às novas manifestações ecumênicas de Roma. Após o concílio, o diálogo com Roma levou à formação de comissões de estudo com delegados de ambas as igrejas, que continuaram o trabalho. Progressos bem maiores foram alcançados, enquanto isto, nas conversações luterano-reforma-

das, que foram em parte motivadas, em parte coordenadas pela Federação Luterana Mundial, e nas quais as igrejas participaram diretamente. Além disso, a Federação está examinando a possibilidade de conversações bilaterais com as igrejas ortodoxa e anglicana, que no último caso cedo poderão ser iniciadas.

Se um dos pontos centrais da discussão ecumênica — especialmente em relação ao Concílio Vaticano — consiste no esclarecimento de diferenças doutrinárias nas confissões históricas, **um outro deve ser claramente visto no problema da relação da igreja e o mundo.** Apesar de o Conselho Mundial de Igrejas não ter desenvolvido uma teologia ecumênica oficial, delinea-se uma direção clara em suas conferências e documentos.

Até os primeiros anos da década dos sessenta poder-se-ia ter caracterizado essa tendência com o chavão "Teologia do Reinado de Cristo", em que o pensamento de uma presença cristã formava um forte elemento. Desde alguns anos a miséria e opressão dominantes no Terceiro Mundo começaram a cunhar fortemente o pensamento ecumênico, um traço que havia alcançado seu auge na Conferência Mundial de Igreja e Sociedade em Genebra, no ano de 1966. Quase que imediatamente "Teologia da Revolução" se tornou o chavão que dominava a discussão ecumênica. Ao mesmo tempo era evidente que os argumentos bíblico-teológicos tradicionais pareciam desbotar, e que a necessidade pragmática de uma decisão rápida e de uma orientação sociológica tomava seu lugar.

A discussão ecumênica voltou, sem dúvida, sua atenção a algumas das mais importantes questões da nosso tempo. O futuro da humanidade e o futuro da igreja cristã dependem essencialmente de como o homem solucionará os problemas de pobreza, superpopulação, injustiça social e de estruturas sociais destrutivas. Em futuro próximo serão exigidas das igrejas e de cada cristão isoladamente decisões de longo alcance — indecisão poderá muito bem ser a mais funesta de todas as decisões, da qual não mais se poderá voltar atrás. Pensadores, sociólogos, políticos e teólogos luteranos isolados participaram em escala muito louvável nessas discussões no âmbito do movimento ecumênico. Mas mostrou-se

também a necessidade de os luteranos terem de refletir entre si sobre o que deve ser dito sobre essas perguntas a partir da Bíblia e dos escritos confessionais luteranos. A Comissão Teológica da Federação Luterana Mundial ocupou-se seriamente tanto com a teologia do reinado de Cristo como também com a questão de uma teologia da revolução, e tentou com isso trazer às conversações ecumênicas a voz especificamente luterana. Não se trata de mera repetição do ponto de vista luterano tradicional, mas da tentativa de apresentar algo realmente importante para as grandes e urgentes perguntas de nosso tempo, numa situação radicalmente mudada e com base na mensagem da Bíblia.

A Federação Luterana Mundial surgiu como uma associação livre de igrejas luteranas, e como tal também ficou. A ela ainda não pertencem todas as igrejas luteranas, nem mesmo todas as igrejas luteranas maiores. Ela cumpre as tarefas que as igrejas-membro lhe transmitem. Tarefas que, conforme a opinião das igrejas-membro, podem ser melhor cumpridas em conjunto, do que separadamente. Essas tarefas não diminuíram no decorrer de dois decênios, antes multiplicaram-se, e nada leva à conclusão de que isso mudará no futuro. A próxima geração do mundo não vai ao encontro de uma época mais feliz, mas de uma época muito difícil. A necessidade de serviço cristão vai continuar a crescer, e a igreja luterana não pode fugir à sua responsabilidade de trazer a ajuda dos ricos aos pobres. A disputa entre confissões e ideologias não vai abrandar-se em sua intensidade. Em meio à reviravolta espiritual deve o evangelho fazer uso de todos os meios que a técnica moderna sabe desenvolver. O que a Federação Luterana Mundial pode rea-

lizar neste campo ultrapassa em muito as possibilidades que estão à disposição das igrejas-membro isoladas. Segundo a opinião de muitos observadores, o movimento ecumênico, e em especial o Conselho Ecumênico de Igrejas se acham agora em um processo de transformação, na transição da concentração em trabalho intelectual bíblico-teológico para a ação predominantemente prática e o engajamento político. Como luteranos nós afirmamos a necessidade fundamental de atuarmos efetivamente dentro dos distúrbios de nosso tempo, mas somos também de opinião de que cristãos nunca devem deixar de examinar a base bíblica do seu agir. Talvez consista nisso a mais importante contribuição que nós luteranos podemos prestar ao movimento ecumênico.

Finalmente uma responsabilidade especial é imposta à Federação Luterana Mundial pela disposição ecumênica da igreja católico-romana. A Roma liga-nos o fato de que ambos damos à doutrina uma importância especial. Ambos partimos da suposição de que o agir cristão e o serviço cristão devem sempre fundar-se na fé cristã. No caminho para a unidade, Roma quer discutir mandamentos e base da fé. Quanto a isso o Conselho Ecumênico de Igrejas não é para nós interlocutor apropriado, porque ele, em contraposição à Federação Luterana Mundial, que é uma associação nitidamente confessional, não possui confissão ou teologia própria. O mesmo vale também para a outra ala ativa da cristandade — os evangélicos conservadores. Com Roma a discussão começou, com os evangélicos conservadores ainda não.

A Federação Luterana Mundial tem tarefas múltiplas e muito diversas. As igrejas-membro determinarão as condições sob as quais ela cumprirá essas tarefas comuns nos anos de setenta.